



2009: fragmentos de uma odisseia migrante

2009: Fragments of a migrant odyssey

Juan Pablo Chiappara¹
juanpablochiappara@terra.com.br

Carlos A. Gadea
cgadea@unisinos.br²

I

Na segunda metade do século XX, o Brasil tem sido muito mais eficiente do que o Uruguai, em levar adiante um processo de modernização. No entanto, o processo uruguaio (realizado entre 1880 e 1950) ainda persiste como base impregnada na cultura local, muito mais forte do que a modernização que a sociedade brasileira conseguiu imprimir como um todo, nos últimos cinquenta anos (à exceção de alguns lugares e, sobretudo, de corpos dispersos nas distintas regiões do Brasil, em particular, na sudeste e sul), por intermédio de uma ação modernizadora visível na diversificação tecnológica, industrial, agrícola, científica e na estrutura do campo e de suas cidades. Isso, por sua vez, contrasta com o "atraso" (mas também sem aspás) com que o Uruguai operou nesse aspecto, no mesmo período. Este é o paradoxo concreto e histórico, porém difícil de equacionar no dia-a-dia enfrentado pelos que vivem nessa fronteira, que são uma fronteira ambulante e que lidam com um imaginário disperso e em constante elaboração.

II

Certamente, os dois países convertem-se em exemplos da existência de processos históricos de "modernização sem modernidade" e de "modernidade sem modernização". Esta simples constatação confunde muitos daqueles que pretendem pensar culturas desta América Latina. Muitos não conseguem dissociar esses "processos", talvez porque ainda não tenham conseguido definir com clareza do

¹ Nasceu em Montevideu em 1970. Residiu em Paris entre 1994 e 1999, e se formou em "Letras, Literatura e Civilizações Estrangeiras com especialização em espanhol" na Universidade Nouvelle Sorbonne - Paris III. Desde 1999 reside em Belo Horizonte, Minas Gerais, onde realizou Mestrado em "Análise do Discurso" na Faculdade de Letras da UFMG e desde 2006 é doutorando em "Literatura Comparada", na mesma faculdade. Desde 2001, é professor no Curso de Letras do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH), atuando na graduação e na pós-graduação *lato-sensu*.

² Nasceu em Montevideu em 1969. Depois de formar-se como professor de História pelo Instituto de Professores Artigas morou desde 1997 na praia de Armação, em Florianópolis, onde realizou o mestrado e o doutorado em Sociologia Política pela UFSC. Durante o ano 2002 residiu na Cidade do México, e em 2003 viajou a Berlim para estágios de doutorado em estudos sobre América Latina. Desde 2005 mora no Rio Grande do Sul, sendo atualmente professor do PRG em Ciências Sociais da UNISINOS. Pesquisador do CNPq.

que trata cada um deles. Partindo da sutileza dessa premissa, levam-se pelo engano de definir modernidade como sinônimo de modernização, ou seja, de uma modernidade subentendida aos devaneios particulares das "energias materiais" de um mundo moderno em constante mudança. Essa confusão tem desenvolvido, inclusive, estratégias curiosas para deslegitimar, por exemplo, conceitos como o de "pós-modernidade", pela suposta evidência de sua impossibilidade empírica, devido à ideia de que o processo da modernidade não chegou com as bondades de tecnologia e de desenvolvimento material. É preciso observar cada processo histórico em particular. No entanto, a modernidade é associável à racionalização, à regulamentação, ao disciplinamento (obrigado, Foucault!), à homogeneização e ao universalismo, ao igualitarismo e à desconfiança do que "está fora", por mencionar alguns elementos. Por isso, não duvido que a modernização, inclusive, pode "ir contra" a própria modernidade.

III

A cidade de Montevidéu parece ter sobrevivido à década de 90 do século XX e à primeira do século XXI. Há dez anos, o montevideano ainda se sentia derrotado, porque sua cidade não tinha crescido no ritmo de outras metrópoles da América do Sul e do mundo. Hoje, o montevideano já começa a compreender (só os mais perspicazes, é claro) que valeu a pena esperar, e que o futuro era ficar parado, não exagerar crescendo desordenadamente, justamente, como cresceram tantas cidades brasileiras, por exemplo: destino irônico e não desejado. Quem percorre a Montevidéu atual agradece as ruas tranquilas, a ausência de grandes engarrafamentos, os enormes espaços verdes, a falta de uma criminalidade brutal, a presença de certa equanimidade das formas e dos movimentos urbanos, a ausência de uma desigualdade estridente. Essa desigualdade quase não se enxerga nas cidades brasileiras, de tão acostumado que se está a lidar com a violência, quase a negando. É isso que entenderam, ao mesmo tempo, o turista brasileiro que descobriu Montevidéu recentemente, e o montevideano que se viu nesse estrangeiro.

IV

Montevidéu pareceu ter sobrevivido a sua própria inércia, ao seu tormento. Falando de modernidades e de modernização, descobro em Montevidéu o seu "ar de porto", de fortaleza, de espera... As ruas tranquilas parecem esperar o ruído, os cafés das esquinas, um saudável e amável atendimento, um sorriso afável, que nunca chega, de garçonetes e

garçons. Os montevideanos parecem trágicos demais... Mor-dem sua espera, sem saber ao certo o que se espera... "o ar do porto...", o próximo navio... ou, talvez, o próximo. Montevidéu, porto da falta. Montevidéu, amor do permanente, contradição irresolúvel (gripe), mistério hermafrodita. Vou e volto. Chego e saio. Montevidéu, porto mais uma vez. Montevidéu das ruas com gente dispersa, ansiosa, indo... (o sonho). Montevidéu, pesadelo surreal de um Mario Levrero³; labirinto de esquinas idênticas... Respiros calados, quietos. Montevidéu, silencioso porto... rio que se agita.

V

Quando vou ao hipermercado, que não pára de ampliar os estacionamentos e cujas gôndolas estão cada vez mais repletas de produtos nacionais e estrangeiros, não posso deixar de ler o *slogan* enorme que sobrevoa no portal e que, durante a noite, se destaca iluminado no fundo negro do céu: "Orgulho de ser brasileiro". A ambiguidade está entre uma referência ao capital nacional (para alfinetar a concorrência estrangeira) e o desejo de se tornar palavra viva na voz do cliente, cuja autoestima precisa sempre ser bem-cuidada. Pessoas felizes gastam mais. Os anos 1990 permitiram que o Brasil abrisse as portas ao capital estrangeiro. Simultaneamente, eles foram propícios para engatar um novo processo de afirmação nacional que amadureceu na primeira década do século XXI, com uma clara política de governo voltada tanto para dentro como para fora do país. Que seja. Mas não dá para deixar de pensar que, se se estivesse em Bruxelas, Berlim ou Paris, seria impossível um *slogan* como esse. Eles têm orgulho, mas a história do século XX europeia "proíbe" esse tipo de excessos. Aqui dá na mesma. Afinal, não sei se as centenas de pessoas que ficam amontoadas nos pontos de ônibus ao longo da avenida, de onde é possível ver a mensagem pairando, ou se os carros que circulam nos dois sentidos nas mais de dez faixas bem demarcadas e nos elevados que se entrecruzam em várias direções organizando o caos latente, ou, ainda, se os funcionários, que entram para trabalhar todo dia na rede do hipermercado nacional para garantir que a frase não seja contrariada, têm tempo e força para ler o *slogan*. A enorme maioria desses milhares e milhões de sujeitos que circulam por aí é carne de canhão do orgulho do capital (nacional). Muitas vezes, tenho a nítida sensação de que só eu vejo essa frase, que ela é visível apenas para alguém que não está lá, um fantasma. Para os outros, na verdade, a mensagem é redundante, por isso não se vê, por isso ela é possível.

³ O estilo literário da obra deste escritor (Montevidéu, 1940-2004) é considerado dentro do denominado grupo dos "raros", uma corrente tipicamente uruguaia de autores que não se podem encaixar em nenhuma corrente reconhecível. A obra de Levrero se caracteriza por apresentar um mundo caótico, cruel, irônico e obsessivo, um mundo de pesadelos que, paradoxalmente, sempre surge de uma estrutura lúdica e festiva. As relações humanas se apresentam ambíguas, e esta é uma forte característica do seu estilo: a apatia de quem narra as histórias e a sua constante necessidade por satisfazer seus instintos mais primitivos, como dormir, comer, fumar ou fazer o amor. Sugere-se ler *El lugar*, *La ciudad*, *París* y *La novela luminosa*.

VI

Meu amigo se desespera; busca argumentos e exemplos para mostrar aos brasileiros, sentados na mesa do bar, de que Montevideú é uma cidade perigosa. Aqui morre gente no trânsito, afirma com um tom grave, e recebe um olhar indiferente de todos. Explica ao motorista de táxi, por vários minutos, como chegar ao centro da cidade a partir do Parque Rodó⁴, porque está preocupado com os amigos brasileiros que acabou de conhecer e não quer que sejam passados para trás na "grande" cidade de Montevideú. Na mesa de outro bar, com tango como música de fundo, escreve, em guardanapos de papel, informações e itinerários imperdíveis para que os turistas não deixem de ver tal ou qual lugar e que não voltem ao Brasil sem entender algo que ele julga essencial não para o Uruguai, mas para ele ser reconhecido como o cidadão de uma grande cidade, que tem muito mais a dar e por descobrir do que as quatro bobagens que todo mundo visita, incluídos esses turistas brasileiros que não entendem nada da importância do pequeno e grande país do sul, da minha importância.

VII

Conheço essa (im)postura! Escuto-a atentamente, "finjo de criança", mostro-me entendível, previsível... tal qual ele parece ser, sem pretender sê-lo. Por isso, nesse instante, eu torceria para que o táxi se perdesse, desenhasse itinerários "irreais", confundisse e se confundisse (simulando ou não sua confusão). Nessa reviravolta, simularia surpresa: eu o deixaria na "sua narrativa" e olharia pela janela. Será que o (meu) teu amigo estaria subestimando a (minha) tua capacidade de poder ser flagrado de improviso! Previsível a viagem de táxi. Previsível a pílula do amor, a chance de estar vivo. Imprevisível o táxi: deixa ao seu próprio arbítrio o meu destino sem destino destinado. Imprevisível a pílula do amor: deixa nas mãos dos outros a minha própria sorte... numa esquina qualquer, no táxi de número 5478-9.

VIII

A namorada do meu amigo tem passaporte italiano. Como se não bastasse, ficamos sabendo que o passaporte é mais do que

justificado: seus quatro sobrenomes são italianos. Isso significa que seus tataravôs eram todos italianos. No Uruguai, isso é ter *status*, embora esses homens, que sobrevivem na sua descendência, pudessem ser camponeses famintos tanto ao sair do Mediterrâneo quanto ao chegar ao Rio da Prata. Há, no entanto, uma curiosidade que caracteriza a namorada do meu amigo: ela não gosta de queijo. Uma anomalia que desperta curiosidade. Uma italiana que não gosta de queijo, que não é italiana, que mora no Uruguai, que não quer morar na Itália, mas que tem passaporte italiano. A sua nova amiga brasileira lhe pergunta: para que você quer o passaporte? Cara de dúvida, não há resposta. Deita, levanta, sai, trabalha, se deprime, se alegra, sonha, hesita, duvida, reclama do país, o celebra, almeja um além, reconforta-a o acalento da pátria, melhora de vida e deita de novo e torna a se levantar, ao longo de décadas, na mesma cidade. O passaporte italiano está na gaveta de uma mesinha de cabeceira eterna, junto com outros objetos quaisquer e uma poeira que se acumula imperceptivelmente.

IX

O passaporte na gaveta parece ser uma "ameaça latente". Ou melhor, o jogo eterno de uma "ameaça da fuga". "Fico porque quero"; vou embora porque "não tenho alternativa". Na real, parece ser todo o contrário. Um passaporte de qualquer nacionalidade europeia (pode ser até de Malta) pode ter muitos destinos, e o mais verossímil é acumular poeira. Claro, as crises podem ter sua incidência nisso tudo. Mas, fora disso, não deve surpreender que a gaveta possa ser a residência previsível de um passaporte, como o da namorada do teu (meu) amigo. Isso não parece fazer sentido aos olhos de um brasileiro, queira-se ou não, infinitamente menos trágico. Sem um fim instrumental à vista, para que tê-lo? Mas ele está aí, bem perto. A estas alturas, parece ter até vida própria. Um passaporte europeu confere um poder que se presume enorme. Não só distingue perante os que não têm um, mas também transfere a responsabilidade do próprio destino a uma simples casualidade, a uma "fortuna herdada" ou a um "destino manifesto". Enquanto isso, a roleta da vida faz o que tem para fazer. Já se passou o "exílio político", quando nos anos 1970 e 1980 muitos iam embora. Também se passou o que insisto em denominar "exílio cultural", nos introspectivos anos 90, depois da "movida cultural" do "Circo de Montevideú"⁵, o "voto verde"⁶ e

⁴ Parque que dá nome ao bairro, situado em frente à praia Ramírez. O bairro Cordón separa o Parque Rodó do Centro, e o trajeto total deve ser de uns 30 quarteirões, tudo reto pela orla.

⁵ Nos três meses de verão dos anos 1987, 1988 e 1989, no *Parque de los Aliados*, em Montevideú, aconteceu um encontro cultural-lúdico bastante "alternativo" para a época. Bandas de rock, grupos de teatro *underground*, exibição de filmes "independentes", dentre outras atividades, transformavam tudo num verdadeiro evento estético de enorme apelo para muitos jovens. No "Circo", que assim se chamou o evento, tudo parecia possível, o encontro entre amigos e desconhecidos, a crítica cultural, emanada das próprias formas sociais aí presentes, o consumo de álcool e os amores furtivos. Para toda uma geração, um verdadeiro ícone da contracultura dos anos 1980 de Montevideú.

⁶ Referência à cor da papeleta que representava votar em revogar a denominada Lei de Caducidade da Pretensão Punitiva do Estado (que permitia anistiar a militares e policiais vinculados com atos de violação aos direitos humanos durante a ditadura cívico-militar, 1973-1985), num Plebiscito convocado no mês de abril de 1989, no Uruguai. Como bem se sabe, a escolha dos cidadãos foi a favor da permanência da vigência dessa lei, gerando em muitos jovens um crescente descontento e paulatina frustração.

"Juntacadáveres"⁷. Os anos 2000 chegaram com um "exílio econômico" de jovens com sotaque de Buenos Aires pela influência de programas de televisão argentinos. Esses movimentos são aparentemente cíclicos, mas com uma diferença: só depois dos anos 2000 é que ter o passaporte europeu se transformou em artil indispensável. "Des-territorializar-se" era viajar sem passaporte europeu.

X

No Uruguai atual há uma figura nova no cenário cultural e no imaginário nacional. Trata-se dos que saíram. Mas é uma figura sem nome, e isso é revelador. Todo mundo tem alguém muito próximo que não mora mais no Uruguai: um primo, um irmão, um sobrinho, um amigo, um vizinho, sempre alguém com quem se manteve uma relação concreta durante muitos anos, os anos de formação. Sair, ter saído ou programar sair, é, direta ou indiretamente, uma experiência nacional da qual todos participam. Para quem saiu, quem fica é uma peça fundamental do jogo sem a qual a proeza seria impossível. Sair significa um punhado de coisas que se resumem em uma só: realizar o sonho do desejo nacional contemporâneo. Os que saem são, portanto, heróis de uma nação que não consegue estabelecer um (novo) sentimento de identidade que não transcenda as fronteiras políticas da República. Como todo sonho e desejo realizado, há uma enorme chance de fracasso em relação às expectativas. Sair pode significar também entrar numa espécie de túnel no qual se torna quase impossível voltar atrás. O impasse pode ser fatal, e é possível acabar varado numa espécie de limbo: você deixou de ser de lá, mas também não é daqui. Tendo sucesso ou fracassando, o destino trágico desse novo herói nacional é que sua experiência nunca será completamente transmissível aos amigos, aos pais, aos vizinhos. Há um corte radical entre o herói e o corpo da nação. Por isso, até então, essa figura nacional não tem sido incorporada aos discursos que refletem sobre os rumos do país, e a experiência de quem saiu e de quem ficou está esvaziada de simbolismo. Talvez, um dia, consigamos transformar essa energia em uma força nova para reconstruir o imaginário nacional.

XI

Paris, 2003.

Andei quinze dias por essa cidade. No aeroporto, me esperava um amigo da infância, do bairro. Vestia a camisa do

Montevideo Wanderers Fútbol Club, inconfundível, preta e branca, pelo menos, para mim. Fazia frio. Pensei: pena que não trouxe a de *Rampla Juniors*! Se soubesse que ia me receber assim! Com meu amigo, somavam-se anos de vivências compartilhadas, desde crianças até os vinte e poucos anos, quando ele viajou para Paris. Era uma alegria revê-lo. Aos três dias, fomos visitar seu meio-irmão, filho de pais uruguaios, mas nascido na França. Dos três irmãos, era o único nascido em Paris, nos anos do exílio político dos seus pais. Quando chegamos, fomos recebidos com música de "candombe"⁸, e, na tela do computador, percebi uma sucessão de imagens da cidade de Montevidéu. Numa esquina da sala, uma enorme bandeira de Uruguai parecia dar seriedade ao lar. Símbolos pátrios não se associam, com facilidade, a coisas demasiado lúdicas. Claro, nesse apartamento, imediatamente tomava outra dimensão. Parecia uma grande brincadeira, ou uma inteligente ironia, ao aguardo de visitantes que teriam diferentes impressões sobre a sua presença. Imediatamente, surge o tema de uma suposta viagem para Montevidéu. Meu amigo dava risos cúmplices comigo, ao escutar de seu meio-irmão, numa tarde fria de Paris, durante longos minutos, curiosas "apologias" a uma "cultura imaginada" desde tão longe. Era surpreendente ver como ele podia recriar lugares de Montevidéu que não havia visitado, de que simplesmente havia ouvido falar pelos pais e irmãos. Por momentos, até se podia duvidar de se ele realmente estava se lembrando de vivências de quando tinha seis anos e visitou Montevidéu com a sua mãe pela primeira vez. Ao sair com meu amigo, fomos tomar uma cerveja. "Viu? Me diz, parece mais uruguaio do que a gente! E olha que ele nem sequer nasceu lá!".

XII

Meu amigo mora em Madri. Antes de começar a sua (nova) vida, fez algumas tentativas. Esteve na Bahia durante um par de anos, depois em Florianópolis, descendeu ao Chuí e retornou a Montevidéu muito mais pobre do que havia saído, mas com uma experiência de sobrevivência na bagagem. Assumiu um trabalho de reparto numa distribuidora de balas, que antes teria recusado. Juntou dinheiro por mais alguns anos (bebendo menos que o de costume para que sobrasse algum dinheiro no final do mês) e, com a alegria de sempre, decidiu partir rumo à Espanha. Lá o esperava uma boa amiga uruguaia que viajara alguns anos antes com seu passaporte italiano herdado. Casaram-se e meu amigo pôde permanecer na Europa, reconstruir seu presente, fazer um projeto, imaginar um futuro, desejar uma vida. Trabalhou numa casa especializada em música flamenca. Foi até Paris ver o seu

⁷ Nome de uma casa noturna (numa casa de começos de século, sem ter sido em absoluto reciclada nem recondicionada para a nova finalidade), que fazia referência ao título de um livro de Juan Carlos Onetti, em que o "ar de uma estética e ética alternativa" se respirava a cada fim de semana. Aí era possível escutarem-se tangos tocados por velhos guitarristas e dançados por travestis, peças de "teatro experimental", circular entre os cômodos da casa e encontrar-se com ambientes inverossímeis, além de poder beber até altas horas da madrugada. Por anos, foi outro ícone, bem menos conhecido do que o "Circo", de uma espécie de contracultura *after-punky* dos anos 80 e começos dos 90 em Montevidéu.

⁸ Música popular afro-uruguaia (executada com três tambores) que, junto com o tango e a "murga", sintetiza a identificação musical dos uruguaios.

velho e bom amigo uruguaio, viajou pelas Baleares e aí trabalhou como garçom e *barman*. Juntou um dinheiro e, depois de três anos, voltou ao Uruguai. Nos primeiros dias, os mais desavisados pensavam: não mudou nada, está igual, até fisicamente. Aos poucos, perceberam que, nas festas e nos bares, ficava mais calado que de costume, com o olhar bastante perdido e pensativo; subitamente, levantava da mesa inquieto, como buscando algo, talvez, como querendo achar o seu lugar. Depois de duas semanas nas férias uruguaias, alguns começaram a entender: faltavam-lhe referências recentes para conversar com seus amigos; faltava-lhe um passado recente aqui para poder estar neste presente do bar e conversar como antes, ser quem era. Havia uma defasagem entre o sonho do regresso e o regresso concreto. Meu amigo pegou um ônibus e foi para a praia na qual sempre tinha sonhado ter uma casa, talvez morar. Pegou o dinheiro, que juntara e trouxera para isso, e comprou um terreno: 500 m², com escritura e tudo. Quinze dias depois, voltou para Madri com a missão cumprida. Agora, ele tem um pedaço de terra onde sempre sonhou, ainda que a milhares de quilômetros e com um oceano no meio separando-os. Um dia, talvez volte e ainda possa morar nele, se o novo passado não o levar outra vez embora, à procura de uma equanimidade ligada a uma nova terra, a uma outra raiz.

XIII

Barcelona, 2008.

Estava saindo de uma *lan house*, típica do bairro El Raval. Típica, porque era atendido por paquistaneses ou turcos ou afe-gãos ou indianos. Caminhava por uma dessas ruas estreitas e, a vinte passos, escutei três pessoas falando em espanhol com sota-que do Rio da Prata. Logo fui reduzindo as alternativas e percebi que as vozes eram de montevidianos, e, se me aventurasse, até poderia deduzir de qual bairro. Ouvido aguçado o meu! Na real, estava aguçado pelo contexto. Não me parecia muito verossímil, justamente, encontrar-me com essas vozes ao sair da *lan house*. Ao aproximar-me, não tive dúvidas de que conhecia uma dessas pessoas. Sem lembrar o nome, nem de onde exatamente era conhecido para mim, parei na sua frente. Levantou a cabeça e, com um grito, exclamou: "Charlie!". Abraçou-me e já estávamos conhecidos-conhecendo-nos. Mencionar meu apelido já me indi-cava um grau de intimidade que não me parecia muito plausível. Falando, descobri que era o irmão de um "amigo da esquina" do meu bairro, e que, às vezes, aparecia para visitá-lo. Daí ele me conhecia, e logo também me lembrei dele. Era muita coincidência! Fazia quatro anos que estava em Barcelona. Trabalhava de pedreiro e, "quando pintava", de cozinheiro em um restaurante

de comida chinesa. Tiramos uma foto com seu celular. Disse que enviaria para o seu irmão e para sua mãe. Nem acreditava que eu trabalhava numa universidade e, muito menos, que era profes-sor. Claro, quando "me conheceu", o que menos se falava, entre todos meus amigos, era de estudos e humanidades... Durante os dias em que fiquei nessa cidade, todas as noites ia para a mesma esquina onde o havia encontrado. Coerente com a sua façanha de migrante, era possível encontrá-lo bebendo cerveja com seus amigos. Na última noite, antes de regressar para o Brasil, me dizia: "Qualquer coisa, estou aqui, na *Ciudad Vieja*". Tinha razão: para ele, *El Raval* e aquela esquina onde sempre estava, eram muito parecidos a qualquer esquina da *Ciudad Vieja*, bairro histórico de Montevideú. Tinha razão.

XIV

Muitas coisas aconteceram no Uruguai desde que Jaime Roos⁹ não é mais aquele poeta popular que encarna o discurso de um povo, que fala pelo grupo. Nos anos 1980, ele expressou melhor do que ninguém o problema do exílio uruguaio: "Antes éramos campeones, les íbamos a ganar/hoy somos los sinver-güenzas, que caen a picotear". Estes dois versos sintetizavam inteligentemente o discurso predominante há ainda 25 anos no Uruguai do final da ditadura e da retomada democrática. O Uru-guai ainda demonstrava um apego muito forte a uma narrativa na qual aparecia como um país triunfante, embora soubesse que as coisas tinham mudado muito. A proximidade da ditadura e a saída democrática, em meados dos anos 1980, conduziam a uma retomada com aquele passado heróico, do qual a ditadura, supostamente, teria sido um parêntese. Mas é necessário analisar outros dois versos daquela letra de Jaime Roos (*Los olímpicos*¹⁰) que passavam muito mais despercebidos naquela época e que, atualmente, são muito mais fáceis de ler para uma grande parte dos uruguaiois: "Volver no tiene sentido/tampoco vivir allí". A força dramática desta passagem ainda tinha uma relação direta com a experiência dos uruguaiois que haviam decidido sair do país ou que tinham sido obrigados a deixá-lo pela força. Ao mesmo tempo, soava como uma advertência para aqueles que sonhavam com um fora idílico, depois de 13 anos de uma ditadura cruel e chata. O que interessa hoje em dia, no entanto, é que esses dois últimos versos citados, que funcionaram durante todos os anos 1990, hoje, em 2009, já não refletem o discurso coletivo da nação uruguaia. Isso é extensível ao caso Jaime Roos, mas a "culpa" não é dele: estes são tempos pós-auráticos e, em nenhum âmbito, pode-se imaginar um trovador, um escritor ou um líder estético congregando a nação, como aconteceu com os poetas e os escritores até o *boom* literário latino-americano. São épocas de dispersão

⁹ Músico popular uruguaio que, sobretudo nos anos 1980 e na imediata pós-ditadura, conseguiu congrega muitos jovens uruguaiois em torno de uma musicalidade nacional (candombe e murga) e de letras que narravam as peripécias de qualquer cidadão uruguaio médio.

¹⁰ Nesta letra, quem fala são as vozes daqueles velhos campeões (já mortos) da seleção uruguaia de futebol que, em 1924 e 1928, foi campeã olímpica quando ainda não existia a Copa do Mundo de futebol, organizada a partir de 1930 pela FIFA. As vozes voltam do passado para narrar uma das histórias do século XX uruguaio.

do imaginário e do discurso. Hoje, de alguma forma, há um sentimento uruguaio que acrescenta à dicotomia proposta por Jaime Roos um terceiro elemento que explode o binarismo dramático daqueles versos, para mergulhar num ceticismo global: viver aqui (em qualquer lugar) não tem sentido, sair não tem sentido, voltar não tem sentido. O sentido, em todo caso, não passa mais pelo local em si, mas ele é atribuído àquilo que cada um é capaz de fazer em cada lugar. O vazio referencial de nação e de lar faz com que seja possível sair, deixar o país e retomar a vida em qualquer outro lugar conectado com elementos identitários dispersos que correspondem a diferentes culturas e que compõem uma nova idiosincrasia, apátrida, aterritorial, telemática, pós-moderna, diriam alguns. Ou seja, tudo faz sentido.

XV

*Des-uruguaizar-se para uruguaio-compreender-se. Todo o contrário de um passaporte na gaveta. Sair para, quem sabe, estar dentro. Ou melhor, desterritorializar-se para experimentar essa fronteira ambulante. "Montevideo agoniza", cantavam no final dos 1980 *Los Traidores*¹¹.*

Submetido em: 28/12/2008

Aceito em: 20/01/2009

¹¹ Banda de rock fundada nas ruas Rivera e Paullier (bairro Cordón) de Montevideú, nos começos dos anos 1980 e com grande influência do *punk rock* britânico. Suas letras beiravam o existencialismo e a crítica social e contribuíam para a aparição de uma juventude do no *future*. Sem dúvida, é das principais bandas da cena artística alternativa do Uruguai. Atualmente, não tocam mais, aparecendo, de tempos em tempos, em pequenas apresentações, sem muita difusão comercial.